

Os brasileiros exigem justiça

► O assassinato do líder pataxó Galdino Jesus dos Santos mancha, mais uma vez, a imagem do Brasil

BRASÍLIA – O índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, que foi queimado vivo na madrugada de domingo por cinco jovens de classe média, morreu às 2h da madrugada de ontem. O laudo, assinado pelo médico Paulo César Moraes, plantonista da unidade de queimados do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), atesta que o índio teve 95% do corpo queimado. O crime chocou o País. A violência – mais uma vez – mancha a imagem dos brasileiros no exterior. Ao chegar ao Canadá, o presidente Fernando Henrique Cardoso qualificou de trágico e repulsivo o assassinato. “Acho que estamos passando de todos os limites nesta forma de violência”, afirmou. “Ainda bem que estão presos.” Ele quebrou o protocolo do cerimonial do governo do Canadá e, depois de ser recebido pelas autoridades, deu meia-volta. “Quebrei o protocolo para falar por intermédio de vocês, para transmitir ao Brasil meu sentimento por este fato trágico e de repulsa”.

Para Fernando Henrique, não há nada que justifique tal violência.

“Não há miséria que justifique, não é uma questão de polícia, não é uma questão do poder público”, lamentou. “Queremos ser um País diferente; não estamos conseguindo este nosso objetivo”, lamentou. A morte do pataxó soma-se à repercussão negativa da violência praticada por policiais militares em Diadema (SP) e Cidade de Deus (RJ) está causando indignação no exterior. No dia 21 de abril – data da morte de Tiradentes, Tancredo Neves e do aniversário de Brasília –, a sociedade brasileira, das autoridades ao simples cidadão, exigiu justiça e o fim da impunidade.

Viúva

Em Pau Brasil, na Bahia, a pataxó Genilda Rosa Campos, 47 anos, ficou sabendo da morte do marido Galdino pelo rádio. “Não acredito na Justiça, pois os assassinos são de família rica”, afirmou ela. “Pouca gente olha para os índios no Brasil”, desabafou. A Organização Não-Governamental *Survival International*, da Inglaterra, que cuida da proteção dos povos indígenas, divulgou on-

tem uma nota oficial cobrando providências das autoridades brasileiras em relação ao assassinato. “A *Survival* está chocada com mais esse acontecimento. Quantas mortes terão ainda que ocorrer antes que o governo brasileiro tome alguma ação?”, diz a nota, cobrando providências do governo.

Briga

O governo do Distrito Federal e a Funai travaram ontem à noite uma disputa pelo corpo do pataxó. O governo do DF decidiu ignorar ordens da Funai e assumiu a responsabilidade pelo funeral e traslado do corpo para o sul da Bahia. “A Funai não queria que o corpo fosse velado, por isso o governo decidiu assumir o ônus”, disse Teodoro Rodrigues, diretor-geral da Polícia Civil do DF. O presidente da Funai, Júlio Gaiger, negou que tenha impedido o velório do corpo em Brasília. O corpo sairá hoje de Brasília às 9h, num avião da FAB (Força Aérea Brasileira) conseguido pelo governo local. Antes, a Funai havia proposto o traslado às 10h por um voo de carreira da Nordeste Linhas Aéreas.



PASSEATA DE sem-terras e índios, em Brasília, protesta contra a impunidade

Ministério acompanha o caso

BRASÍLIA – O ministro interino da Justiça, Milton Seligman, afirmou ontem que vai acompanhar pessoalmente a apuração da morte do índio Galdino Jesus dos Santos e que os culpados terão que ser punidos exemplarmente. “Estamos acompanhando o caso de perto e vamos fazer tudo para que os acusados sejam julgados logo”, disse Seligman, que se reunirá hoje com o Ministério Público para apressar o trâmite do processo.

“O que mais nos indigna, e a toda a sociedade, é que os acusados são pessoas esclarecidas e não estavam bêbados ou drogados”, disse Seligman. “Isso é

mais um agravante”. O caso chegou a ser acompanhado pela Polícia Federal (PF). Desde que soube do atentado, Seligman pediu à PF um relatório detalhado sobre o ocorrido e, antes mesmo de receber as informações, foi à 1.ª Delegacia de Polícia. “A Polícia Civil e a Polícia Militar do Distrito Federal foram eficientes e em menos de cinco horas já tinham localizado e prendido os rapazes”, disse Seligman.

Human Rights

As providências adotadas pelo ministro foram bem rece-

bidas pela *Human Rights Watch*, uma das mais importantes entidades de defesa dos direitos humanos no mundo. “O governo está cumprindo sua parte”, constatou o dirigente da *Human Rights* no Brasil, James Cavallaro. “Este é um caso típico de discriminação racial e deve ser punido exemplarmente, para que não se torne comum, como no Burundi, Bósnia e Ruanda”. Segundo Cavallaro, o caso já está repercutindo no exterior. “Felizmente, pelo que estamos acompanhando, o governo brasileiro está agindo”, reconheceu.

Sem-terra consolam os índios

BRASÍLIA – A morte do índio Galdino Jesus dos Santos foi o principal assunto do dia em que Brasília completou 37 anos. Cerca de 800 sem-terra se juntaram ontem a um grupo de 30 índios em uma caminhada de protesto promovida no centro de Brasília contra o assassinato. Com flores nas mãos, os manifestantes foram saudados por buzinas quando entraram na avenida W3 Sul.

“Justiça”, gritavam juntos índios e sem-terra sob uma chuva fina. Soldados da Polícia Militar interditaram o trânsito para a passagem do protesto. A PM não fez avaliação sobre o número de participantes no protesto.

No local do assassinato, cinco pataxós parentes de Galdino choraram e fizeram uma cerimônia simbólica em sua homenagem. Índios xavantes aproveitaram o protesto para pedir a demissão do presidente da Funai, Júlio Gaiger. A manifestação terminou às 17h45min, depois que um tambor com papel e álcool foi queimado, aos gritos de “Galdino vive”.

contra um jovem índio”, afirmou o cardeal.

Presente à missa, o presidente interino Marco Maciel cobrou rapidez na punição dos responsáveis pelo assassinato do índio. “As providências policiais foram tomadas. Espero que os responsáveis sejam punidos com a maior rapidez”, disse.

A seu lado, o governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque, disse que o assassinato do índio pataxó não é um fato isolado e representa o “desprezo da sociedade aos excluídos”. “A classe média trata os excluídos como se fossem outro tipo de gente”, disse. A programação oficial para comemorar os 37 anos da fundação de Brasília não foi interrompida, apesar do luto oficial decretado pelo governador Cristóvam Buarque.

Missa

Pela manhã, em missa solene pelo aniversário da cidade, o cardeal arcebispo de Brasília, dom José Freire Falcão, fez referência ao assassinato do índio. “Um ato de barbárie que nos envergonha”, disse. “A harmonia na convivência de pessoas dos mais diferentes horizontes culturais foi tristemente ferida por esse crime, cometido no dia do aniversário da nossa cidade

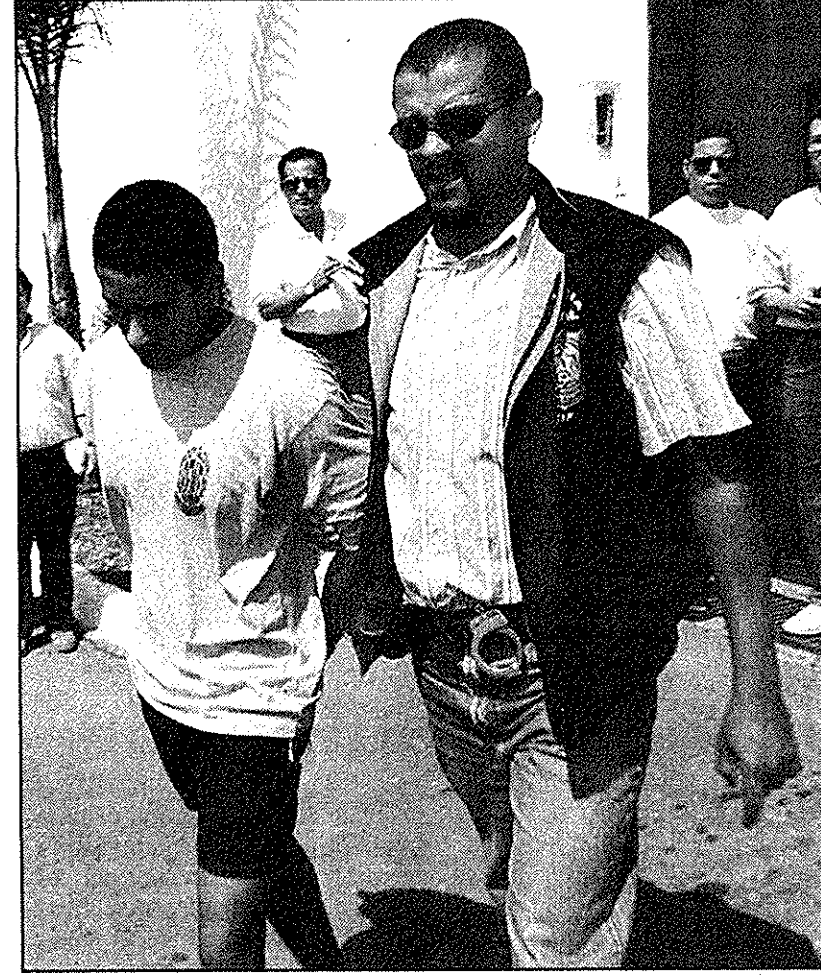
Polícia levanta novas suspeitas

BRASÍLIA – Os cinco rapazes de classe média que confessaram à polícia o assassinato do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos não têm antecedentes criminais, mas podem estar envolvidos em pelo menos mais dois crimes semelhantes, cujas vítimas eram mendigos. Foi o que admitiu, ontem, o diretor-geral da Polícia Civil, Teodoro Rodrigues.

A defesa dos cinco rapazes irá argumentar a tese de que o crime contra o pataxó foi homicídio culposo e não homicídio qualificado, como considera a polícia civil do Distrito Federal, diz o advogado Rommel Parreira Corrêa, contratado para defender Eron Clóvis de Oliveira, de 18 anos, Thomas Oliveira de Almeida, 19 anos e seu irmão G.N.A., de 16 anos.

“As provas do inquérito vão provar que os rapazes estavam fazendo uma brincadeira e não tiveram a intenção de matar ninguém”, disse Corrêa, que também é advogado de acusação do filho do deputado Odacir Klein (PMDB-RS), Fabrício Klein, que no ano passado atropelou e matou um operário em Brasília.

Com a tese de crime culposo, se condenados, os rapazes podem pegar penas leves, de 1 a 3 anos de detenção. Por homicídio qualificado a sentença pode ser de 12 a 30 anos de prisão.



ANTÔNIO NOVELY Vilanova, filho do juiz federal, é transferido

ra essa garotada”, explicou o delegado Teodoro Rodrigues, diretor-geral da Polícia Civil do DF. Na CPE, onde existem apenas 140 vagas, estão 310 presos. “Eles não podem pagar por serem filhos de algum fulano”, disse.

Os quatro rapazes passaram a noite em uma sala utilizada para o reconhecimento de presos e para onde são mandadas as presas que vão para o CPE. Foi colocada uma garrafa de refrigerante para que eles pudessem urinar. Segundo policiais, os rapazes receberam colchonetes e cobertores dos familiares e passaram a noite dormindo.

A idéia inicial era colocar os rapazes em celas comuns, mas foi

abandonada em função da recepção dada pelos outros detentos. “Olha aí os filhinhos de juiz, botem eles aqui na cela com a gente”, gritaram os presos, referindo. Os presos se referiam principalmente a Antônio Novely Vilanova, de 19 anos, filho do juiz federal da 7.ª Vara Federal do Distrito Federal, Novely Vilanova da Silva Reis.

Durante a transferência para a nova detenção, os rapazes saíram em silêncio, com a cabeça baixa ou escondendo o rosto com camisas. Max Rogério Alves, também de 19 anos, enteado do ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Valter Medeiros, disse: “Estou muito arrependido”.



MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES



COMUNICADO TELEFONIA INTERNACIONAL

NOVAS TARIFAS DO SERVIÇO PÚBLICO DE TELEFONIA INTERNACIONAL FIXADAS PELA PORTARIA MINISTERIAL Nº 220 DE 03/04/97 DO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, COM VIGÊNCIA A PARTIR DE 04/04/97

TARIFAS PARA CHAMADAS DO TIPO BÁSICO (TELEPHONE A TELEPHONE), EM REAL, COM ENCARGOS (COFINS - 2% E PASEP - 0,65%)

PAÍS E GRUPO DE PAÍSES	DDI (AUTOMÁTICO)				ATRAVÉS DE OPERADORES (MANUAL)				HORÁRIO PARA APLICAÇÃO DE VALORES REDUZIDOS(1)	
	MINUTO INICIAL		CADA 6 SEGUNDOS ADICIONAIS		3 MINUTOS INICIAIS		CADA MINUTO SUBSEQUENTE			
ARGENTINA, CHILE, PARAGUAI E URUGUAI	1,72	1,37	0,14	0,11	5,21	4,17	1,72	1,37	20:00 AS 05:00H	
EUA (INCLUSIVE HAWAI)	1,33	1,07	0,09	0,07	4,05	3,24	1,24	0,99	20:00 AS 05:00H	
CANADA E DEMAIS PAÍSES DAS AMÉRICAS E ANTILHAS	1,72	1,37	0,16	0,12	5,21	4,17	1,73	1,38	20:00 AS 05:00H	
PORTUGAL (INCLUSIVE AÇORES E ILHA DA MADEIRA)	1,72	1,37	0,17	0,13	5,21	4,17	1,72	1,37	20:00 AS 05:00H	
ALEMANHA, ANDORRA, ÁUSTRIA, BÉLGICA, DINAMARCA, ESPANHA, FINLÂNDIA, FRANÇA, HOLANDA, IRLÂNDIA, ITÁLIA, LIECHENSTEIN, NORUEGA, REINO UNIDO, SUÉCIA E SUÍÇA	1,77	1,42	0,17	0,13	5,32	4,26	1,99	1,59	20:00 AS 05:00H	
DEMAIS PAÍSES DA EUROPA E ORIENTE MÉDIO	2,21	1,77	0,19	0,15	6,65	5,32	2,21	1,77	20:00 AS 05:00H	
AUSTRÁLIA E JAPÃO	2,49	1,99	0,20	0,16	8,13	6,50	2,49	1,99	01:00 AS 06:00H E 13:00 AS 17:00H	
DEMAIS PAÍSES DA ÁFRICA	3,68	2,95	0,29	0,23	11,09	8,87	3,68	2,95	20:00 AS 05:00H	
DEMAIS PAÍSES DA ÁSIA, OCEANIA E ILHAS DO PACÍFICO (EXCETO HAWAI)	3,68	2,95	0,29	0,23	11,09	8,87	3,68	2,95	01:00 AS 06:00H E 13:00 AS 17:00H	

REGIÃO NO BRASIL/ REGIÃO NO PAÍS LIMITROFE	DDI (AUTOMÁTICO)				ATRAVÉS DE OPERADORES (MANUAL)				HORÁRIO PARA APLICAÇÃO DE VALORES REDUZIDOS(1)	
	MINUTO INICIAL		CADA 6 SEGUNDOS ADICIONAIS		3 MINUTOS INICIAIS		CADA MINUTO SUBSEQUENTE			
M/S E PR/ PARAGUAI	1,27	1,01	0,10	0,08	3,89	3,11	1,27	1,01	20:00 AS 05:00H	
RS/ URUGUAI	1,27	1,01	0,10	0,08	3,89	3,11	1,27	1,01	20:00 AS 05:00H	
AM/ A COMISSARIA DO AMAZONAS NA COLOMBIA	1,29	1,03	0,12	0,09	3,92	3,13	1,29	1,03	20:00 AS 05:00H	
PR, SC, RS/ PROVÍNCIAS DE CHACO, FORMOSA, MISSIONES, CORRIENTES E NORTE DE STA. FE NA ARGENTINA	1,27	1,01	0,10	0,08	3,89	3,11	1,27	1,01	20:00 AS 05:00H	
MS/ DEPTO DE STA. CRUZ DE LA SIERRA NA BOLÍVIA	1,29	1,03	0,12	0,09	3,92	3,13	1,29	1,03	20:00 AS 05:00H	

(1) DE SEGUNDA À SÁBADO NOS HORÁRIOS ACIMA

DOMINGO - 00:00 AS 24:00H

VALORES ADICIONAIS PARA SERVIÇOS ESPECIAIS, EM REAL, COM ENCARGOS (COFINS-2% E PASEP-0,65%)

PRESTADOS POR OPERADORES DA EMBRATEL OU BRASILDIRETO	
CHAMADAS PESSOA A PESSOA	3,10 POR CHAMADA
CHAMADAS COM INTERPRETE	3,10 POR CHAMADA
CHAMADAS COM DÉBITO EM CARTÃO DE CRÉDITO	0,83 POR CHAMADA
CHAMADAS ATRAVÉS DO BRASILDIRETO E DESTINADAS A PAÍS DIFERENTE DE BRASIL	1,38 POR MINUTO

PRESTADOS POR OPERADORES NO EXTERIOR E COBRADOS NO BRASIL	
CHAMADAS A COBRAR NO BRASIL	3,10 POR CHAMADA
CHAMADAS COM DÉBITO EM CARTÃO DE CRÉDITO	0,83 POR CHAMADA

PRESTADOS ATRAVÉS DO PORTUGALDIRETO E COBRADOS NO BRASIL	
CHAMADAS PESSOA A PESSOA	3,10 POR CHAMADA
CHAMADAS COM DÉBITO EM CARTÃO DE CRÉDITO	0,83 POR CHAMADA
CHAMADAS DESTINADAS A PAÍS DIFERENTE DE BRASIL OU PORTUGAL	1,38 POR MINUTO

INFORMAÇÕES ADICIONAIS OU ESCLARECIMENTOS, LIGUE PARA 000333, LIGAÇÃO GRATUITA.

Terra, o sonho de Galdino

Primo do líder pataxó conta que ele não se conformava com a ineficiência da Funai

TIM FILHO
SUCURSAL LESTE

A desolação, a dor e a indignação marcaram ontem o dia do índio Jovanildo Pataxó, primo de Galdino, o índio queimado vivo por uma gang de jovens em Brasília. Na sede da administração regional da Funai em Governador Valadares, Jovanildo Pataxó estava desolado e lamentava a todo instante a morte do parente e amigo.

“Como é que pode acontecer uma coisa dessas com ele, logo ele, um guerreiro, trabalhador, que lutava junto com a gente pela posse da nossa terra”, dizia. Ao lado, sentado na escadaria do prédio, um velho índio maxacali embalava o sono de uma curumim, em silenciosa indignação.

Jovanildo Pataxó, 27 anos, nasceu na aldeia pataxó de Barretá, em Itajá do Colônia, Sul da Bahia. Há 15 anos mora na aldeia Caramuru-Catarina-Paraguaçu, em Pau Brasil, perto de Cabralia. Desde criança conviveu com Galdino — que ele chama carinhosamente de *Guardino* —, líder dos pataxó que sonhava com a posse dos 36 mil hectares de terra reivindicados pela tribo. Jovanildo diz que Galdino lutava contra a ineficiência da Funai na demarcação das terras pataxó.

Hoje, os pataxó ocupam apenas 1,2 mil hectares do total reivindicado, “uma verdadeira humilhação”, diz. Jovanildo não poupa críticas à Funai e diz que o órgão piorou muito nos últimos anos. “Há alguns

anos atrás, a Funai era ocupada por indigenistas. Hoje, o que se vê lá dentro é um bando de antropólogos que não sabem de nada”, protesta.

Jovanildo está em Governador Valadares para tratamento médico, por falta de condições de atendimento na administração regional da Funai em Eunápolis, Bahia. Com a morte de Galdino, Jovanildo decidiu voltar hoje à tarde para a aldeia em Pau Brasil e participar de manifestação exigindo justiça para os matadores de um dos principais líderes da nação pataxó.

“Isso não pode ficar assim, queremos justiça, doa a quem doer”, diz revoltado Jovanildo.

Carmésia

Solidários com os irmãos, os pataxó que moram na fazenda Guarani, no município de Carmésia, no Vale do Aço, também estão articulando uma manifestação em protesto pelo assassinato de Galdino, informou o secretário de Planejamento da Prefeitura de Carmésia, Hécio Lucas de Carvalho.

Os índios estão se organizando através do vereador Manoel Ferreira da Silva (PL), o Manoel Índio, um pataxó eleito pela comunidade indígena. “Ele é respeitado na cidade e um grande parceiro da prefeitura no trabalho educacional que estamos realizando na aldeia”, explicou Carvalho, acrescentando que, com a inoperância da Funai, a prefeitura tem tomado a iniciativa de dar assistência ao povo pataxó, com a ajuda do vereador.



JÚLIO GAIGER, presidente da Funai, consola os parentes de Galdino, em Brasília

Líder quer a cabeça de Gaiger

BRÁSILIA — A morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos agravou a situação do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger. Os líderes indígenas exigem a demissão dele e organizam um encontro para a próxima semana, afim de reforçar o pedido e indicar Jorge da Silva Terena como sucessor de Gaiger.

“Ele é prepotente, não tem diálogo”, disse o índio Sebastião Manchinery, do Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil (Capoib). A organização pretende entregar esta semana ao ministro interino da Justiça, Milton Seligman, um documento em que 106 entidades ligadas à causa indígena pedem a saída de Gaiger da Funai.

Bate-boca

A situação de Gaiger começou a se complicar no episódio em que índios cricati e guajajara queimaram torres de transmissão de energia elétrica no Maranhão, no início do ano. O presidente da Funai chegou a travar um bate-boca com a governadora do Estado, Roseana Sarney (PFL), o que desagradou inclusive ao Ministério da Justiça, responsável pela indicação de Gaiger para a Funai.

Há quase duas semanas, a retirada pela Polícia Federal de índios xavantes da sede da Funai, em Brasília, também provocou protestos de vários grupos indígenas, causando novo desgaste ao presidente da Funai.

Uma história de luta

GUILHERME ARAGÃO

Os pataxó de Minas Gerais são parentes diretos dos pataxó encontrados na região de Porto Seguro e Cabralia, na Bahia, e pertencem ao mesmo tronco linguístico dos pataxó Hã-Hã-Hãe, cuja luta pela posse de 36 mil hectares na região de Itabuna, no sul da Bahia, levou o líder Galdino a Brasília.

Na década de 50, com a criação do Parque Nacional de Monte Pascoal, uma parte dos pataxó foi expulsa e vagou por vários anos pela Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, até encontrar lugar, no começo dos anos 70, na antiga Guarda Rural indígena do Serviço de Proteção ao Índio, uma penitenciária indígena na Fazenda Guarani, município de Carmésia, no Vale do Aço.

Foram 10 anos de luta até a regulamentação das terras e, ainda hoje, os cerca de 200 índios que lá vivem ainda enfrentam problemas como a desnutrição, fome e violência, além da perda de suas referências culturais. Eles vivem da venda de artesanato, considerado dos mais belos entre os povos indígenas, e mantêm forte liderança política entre os outros povos.

“Falta uma política de assistência ao índio por parte do governo”,

afirma o coordenador do Conselho Indigenista Missionário Leste (Cimi), órgão ligado à CNBB, Luciano Marcos Pereira da Silva, lembrando que o novo estatuto do índio espera há seis anos sua aprovação pelo Congresso. Os povos indígenas ainda obedecem ao antigo Estatuto do Índio, de 1973, que não está sintonizado com a atual constituição de 1988.

Minas

Segundo o Cimi, somente nos últimos 10 anos o povo pataxó Hã-Hã-Hãe sofreu 24 assassinatos envolvendo fazendeiros e pistoleiros e 47 tentativas de homicídio, com tiros ou facadas. Em Minas Gerais, onde vivem cerca de 7.500 índios de 5 povos diferentes — pataxó, xacriabá, maxacali, krenak, e panca-raru —, além da violência eles convivem com as invasões.

Somente os poucos krenak sobreviventes em Resplendor, no Vale do Rio Doce, têm 87 famílias invasoras em suas terras, com retirada prevista para a próxima segunda-feira, dia 28. Entretanto os maxacali não têm sequer previsão para a retirada das 11 famílias que vivem em suas terras, no município de Bertópolis, no Vale do Mucuri.

Governadores querem justiça

O governador Eduardo Azeredo condenou ontem o assassinato do líder indígena pataxó Galdino Jesus dos Santos e pediu bom senso à Nação. Ao lado do ministro da Fazenda Pedro Malan, Azeredo presidiu em Ouro Preto a cerimônia comemorativa da Inconfidência Mineira.

“É importante que o bom senso esteja presente em todos os momentos no País. Veja o que aconteceu em Brasília, por exemplo. Pura insensatez. É um absurdo, uma selvageria o que fizeram com o índio”, lamentou o governador.

O governador do Mato Grosso do Sul, Dante de Oliveira, responsabilizou a impunidade, acentuada pela cultura de violência — imposta, segundo ele, pela TV brasileira —, por ações criminosas como essa. “É necessário que haja uma ação eficaz da Justiça, punindo quem pratica tais crimes”, recomendou.

Impunidade

Impunidade e má formação. Essas foram as causas apontadas pela maioria de autoridades que participaram das comemorações em Ouro Preto. O líder do PTB na Câmara Federal, deputado Paulo Heslander, acredita que “um conjunto de componentes existentes em Brasília” estimula este tipo de crimes.



JUAREZ RODRIGUES

EM OURO Preto, Eduardo Azeredo condena “selvageria” de Brasília

“São jovens que exageraram. Brasília, entretanto, favorece a ocorrência disto. O clima é artificial, com muitas autoridades favorecendo um clima de impunidade”, afirmou.

O senador Romeu Tuma também lembrou a impunidade que reina na capital federal. “Brasília é um lugar difícil de ser controlado porque tem uma capacidade ociosa grande de filhos de pessoas que estão na cidade para trabalhar”, diz. Os crimes — concluiu — surgem “pela maldade, pela indiferença com as pessoas”.

Sem a pompa de anos anteriores, quando até presidentes compareceram à cerimônia, a comemoração ontem, em Ouro Preto, teve a presença dos ministros da Fazenda, Pedro Malan; do Trabalho, Paulo Paiva; dos Transportes, Alcides Saldanha; e da Saúde, Carlos César Albuquerque. Estiveram ainda em Ouro Preto os governadores do Piauí, Garibaldi Filho; do Mato Grosso do Sul, Dante de Oliveira e o de Tocantins, José Wilson Siqueira. Todos receberam medalhas.



AJB

Tristeza

Ainda chocado, Nairo Euclides Magalhães — testemunha que possibilitou a identificação dos cinco rapazes que mataram

o índio Galdino José dos Santos — volta ao ponto de ônibus onde o pataxó foi queimado.

Políticos atacam impunidade

Deputado José Dirceu (PT-SP)

Temos de fazer campanha institucional contra a violência, envolvendo os vários setores da sociedade, incluindo o PT. Foi um ato de barbárie, feito por gangsters próprios de grandes cidades. Isso é um problema cultural, pois houve a perda total dos valores de solidariedade. Temos de combater a miséria que faz florescer a violência, mas também olhar esses valores, já quem praticou esse crime são jovens classe média.

Governador de Tocantins, Siqueira Campos

Ato de selvageria, praticado com prejuízos enormes para o País, num total desrespeito aos direitos humanos. Cada episódio desses que acontece enfraquece enormemente o Brasil lá fora. É a impunidade que está campeando no Brasil. É a falta de autoridade, há uma desestruturação na sociedade brasileira, onde confundem

democracia com banguça. O pressuposto básico da democracia é o exercício da autoridade. A sociedade tem de reagir.

Presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, deputado João Leite (PSDB)

Uma indignidade. Ato como esse nos envergonha de ser brasileiros. Penso que o presidente Fernando Henrique Cardoso errou quando criou a Secretaria Nacional de Direitos Humanos. Ele teria de criar o Ministério dos Direitos Humanos. O nosso País precisa retornar à escola em relação a isso. O tratamento que é dado à população por parte dos policiais é mesmo dado ao índio, é o mesmo dado ao negro e ao pobre no Brasil.

Ministro da Saúde, Carlos César Albuquerque

Não cabe a mim avaliar esse crime. Avalio igual a vocês. É um

problema da nossa época, da nossa geração, da violência que anda por aí. Não vou me manifestar sobre isso, cheguei agora em Brasília. O cidadão nem sempre pode falar separadamente do ministro.

Agostinho Patrus, secretário da Casa Civil de Minas

A impunidade como todo tem de ser combatida com urgência. Um dos maiores problemas nacionais é em relação à impunidade. Não só à impunidade em relação aos políticos, mas a impunidade como um todo, em relação às autoridades — que muitas vezes não são políticos —, em relação aos mais ricos, com mais poder econômico, que às vezes ficam impunes. A impunidade permite que a corrupção e outros crimes possam florescer. A impunidade leva não só o filho das autoridades, também seus amigos, assim como toda a sociedade, a se sentirem seguros quando praticam um crime, tendo certeza de que não haverá punição.

“Por quê?”, questiona Villas Boas

SÃO PAULO — “Estou sentindo que todo o meu trabalho de sertanista foi por água abaixo. Mas ainda tenho esperanças. Não quero acreditar que o Brasil vá exterminar os seus índios como fizeram os Estados Unidos. Mas o que mais me dói foi que não incendiaram apenas um pataxó, mas toda a nação indígena brasileira. Não podemos esquecer que Pedro Álvares Cabral foi recebido há 500 anos pelos pataxós, no sul da Bahia. E que desde então o massacre continua. Por quê?”

Essas foram as palavras de Orlando Villas Boas ao comentar a morte do índio Galdino Jesus dos Santos. Aos 83 anos, 45 dos quais dedicados aos índios, Villas Boas clama por justiça e apela para que o presidente Fernando Henrique Cardoso não abandone os índios em uma vala da história, como fizeram os norte-americanos que dizimaram tribos inteiras. “Somos uma nação mestiça e não podemos matar a nós mesmos”, destacou.

“Mais do que dinheiro, o índio brasileiro precisa de infraestrutura, demarcação de suas terras e proteção contra garimpeiros, madeireiros e organizações internacionais doutrinárias”, frisou.

“Como aceitar que na capital da República um respeitado cacique durma em uma calçada? Como aceitar que o verdadeiro dono da terra mendigue um pedaço de chão para morar? Como aceitar que as autoridades não percebam o estado de extermínio de uma civilização inteira?”, questionou Villas Boas.

MENDIGOS

Casos de incêndio de pessoas, como ocorreu com o índio pataxó não são raros em Brasília. Na Unidade de Queimados do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) são registradas várias ocorrências desta natureza, sendo que o mais recente ocorreu no Núcleo Bandeirantes, cidade satélite do Distrito Federal. Um conhecido mendigo do local foi encontrado morto, no ano passado, dentro de uma lixeira. Segundo médicos do HRAN, a descoberta dos autores dos atentados é um fato raro. O caso do mendigo, mesmo tendo ocorrido em frente a um mercado público, não teve qualquer testemunha.